

Ivar José Kreutz
e Wilson Schmidt*

A trajetória do programa de produção orgânica da Cotrimaio

Introdução

Para a safra 2002/2003, apenas quatro anos após o início do programa de produção orgânica da Cooperativa Agropecuária Alto Uruguai Ltda. (Cotrimaio), agricultores e associados colheram cerca de 20 mil sacas de soja orgânica destinadas principalmente ao mercado europeu. No seu início, esse programa foi bastante contestado por técnicos e movimentos sociais. Além da esperada oposição dos setores ligados ao fornecimento de insumos e à difusão da agricultura industrial, duas vertentes de críticas surgiram por parte de movimentos pertencentes à agricultura familiar, muitos dos quais se afirmam adeptos da agroecologia. Para alguns deles, o programa da Cotrimaio foi montado apenas em torno da cultura da soja e beneficiaria somente os seus plantadores. Além de fortalecer uma cultura considerada por esses críticos como símbolo da Revolução Verde na região, o programa mantinha-se voltado à exportação, o que significaria continuar com a

* Ivar José Kreutz é técnico da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS) e mestrando em Agroecossistemas (PGAGR-UFSC) e Wilson Schmidt é professor da Área de Desenvolvimento Rural da mesma universidade.

"transferência de nutrientes" para fora do país. Para outros, em geral sindicalistas mais centrados nos debates sobre as políticas públicas agrícolas que desprezavam iniciativas produtivas em busca de alternativas técnicas, o programa não se preocuparia com "as questões políticas e sociais" dos cooperados (como, por exemplo, a concentração de renda agrícola e da terra, o acesso desigual ao crédito rural entre as agriculturas familiar e patronal).

O propósito deste texto é relativizar o peso dessas críticas procurando mostrar que, marcadas por uma visão linear e, na maioria das vezes, determinista, elas não dão conta da complexidade de um processo que questiona importantes referências técnico-sociais e, em seu desenvolvimento, incorpora novas perspectivas inflexionando posturas e ações dos atores sociais.

Com esse objetivo, inicialmente se descreve muito brevemente o contexto da Cotrimaio e se recuperam a gênese e a evolução do programa. Cabe destacar o fato de que as discussões iniciais ocorridas na Cotrimaio se dão em torno das oportunidades de fornecimento direto de soja "não-transgênica" para organizações congêneres francesas e que o programa rapidamente se encaminha, primeiro, à produção de soja orgânica e, logo em seguida, também à produção orgânica de outras culturas e criações. A experiência da cooperativa tem revelado exemplos de agricultores familiares que começaram com a produção orgânica de soja, às vezes em apenas uma pequena parcela da propriedade, e que hoje têm toda sua unidade produtiva "em conversão". Assim, pode-se considerar que ocorreu uma passagem de uma espécie de "captura econômica" (pelo argumento do sobre preço) de novos adeptos à "conversão" à produção orgânica de soja para uma discussão mais ampla sobre o modelo tecnológico da produção agropecuária regional.

Em seguida, busca-se ilustrar como, no campo da "difusão" das técnicas orgânicas e da normatização e controle que as acompanham, a perspectiva dirigista seguida pelos administradores e técnicos da Cotrimaio foi se abrandando à medida que crescia o conhecimento

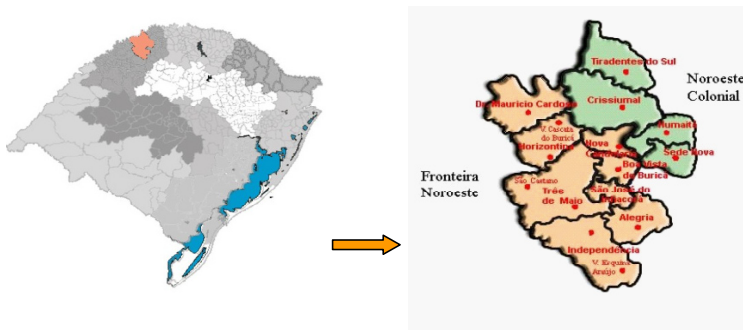
acerca da produção "limpa". Dizendo de outro modo: a apropriação por parte dos agricultores envolvidos no programa e pelos técnicos locais (não apenas da Cotrimaio) dos métodos produtivos e das normas orgânicas permite estabelecer novas relações entre esses atores e as instituições que atuam na região.

Finalmente, procura-se extrair algumas lições desse processo. As principais relacionam-se com o surgimento de novas e importantes fontes de influência (do exterior ou do espaço urbano) sobre os agricultores e suas organizações. Novas influências foram contrapostas ao que era a "idéia única" – o produtivismo – veiculada pelo fechado círculo de atores presentes no setor agrícola da região. Com isso, novos conflitos e novas possibilidades iriam se colocar às direções de cooperativas que têm abrangência e importante inserção regional, como a Cotrimaio.

O contexto e a gênese do programa

A Cotrimaio surgiu no município de Três de Maio no dia 2 de fevereiro de 1968 e iniciou efetivamente suas atividades no dia 1º de fevereiro de 1969. No contexto favorável das políticas públicas de industrialização da agricultura brasileira, a cooperativa cresceu rapidamente em seus primeiros anos de existência e expandiu seu espaço de atuação pela região noroeste do estado do Rio Grande do Sul muito próxima da divisa com a Argentina, operando em 12 municípios dessa área por meio de suas 14 filiais (figura 1).

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul e localização da área de ação da Cotrimaio (no detalhe)



Nesses 35 anos de existência da cooperativa, aquela região passou por muitas transformações. Com respeito à atividade agrícola, na década de 70, ocorreu grande expansão da cultura da soja segundo o padrão técnico moderno, cultura que permanece até hoje como principal atividade regional. No mesmo período, o trigo e a suinocultura perderam importância enquanto a produção de leite triplicou. A triticultura decaiu porque as novas variedades de trigo, introduzidas a partir de então, encontraram muitas dificuldades para adaptar-se às condições do vale do rio Uruguai, sendo dizimadas pela proliferação de doenças fúngicas. A suinocultura, à medida que se intensificou e passou a ser capital intensivo, deixou de ser uma atividade acessível aos agricultores familiares. Já a bovinocultura de leite cresceu uma vez que se tornou a atividade-âncora das propriedades familiares, substituindo a suinocultura como responsável pela entrada freqüente de renda, especialmente na entressafra das produções vegetais.

A região tem uma estrutura fundiária de pequenas unidades ocupadas a partir do início do século passado por agricultores familiares de origem européia e seus descendentes. Ressalte-se que já se encontravam na região índios e caboclos. O relevo é acidentado, os solos tinham boa fertilidade natural e, antes, eram ocupados por uma densa vegetação. Atualmente, dos aproximadamente 6.500 sócios da Cotrimaio, 96% possuem menos de 50 hectares de terra. Esse perfil é coerente como padrão dominante na região, como indicam os dados do IBGE (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Estrutura fundiária dos municípios da área de ação da Cotrimaio

Extratos de área (ha)	Nº estabelecimentos	% estabelecimentos	Área ocupada (ha)	Área média (ha)	% da área
0 a 20	12.354	79,6	111.760	9,1	48,7
20 a 50	2.744	17,7	76.372	27,8	33,3
50 a 100	324	2,1	21.058	64,9	9,2
100 a 500	91	0,6	16.120	177,1	7,0
> 500	4	0,03	4.309	1077,2	1,9
Total	15.517	100	229.619	14,8	100

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário, 1995-96.

Como se observa, 79,6% dos estabelecimentos agropecuários da região de atuação da Cotrimaio têm menos de 20 hectares e 97,3%, até 50 hectares. Essas características trarão implicações importantes para a produção de soja na região e suas diferentes possibilidades de manejo e para os debates sobre essas possibilidades.

Wünsch (2002) indica outro elemento importante: o esgotamento da fronteira para a expansão da agricultura que ocorreu nos anos 80. Dos cerca de 229 mil hectares, 72% são ocupados por lavouras temporárias, com amplo destaque para a soja; 9,7%, por pastagem permanente; 2,5%, por pastagem cultivada e 11,4%, por mata nativa. Dados do IBGE mostram que esses percentuais praticamente não sofreram alteração no período de 1980 a 1995 (IBGE, 1995).

O mesmo Wunsch (2002)¹ percebeu que os agricultores que aderiram a programas de produção orgânica foram aqueles que utilizavam níveis de adubação química baixos e praticamente não usavam mais agrotóxicos, o que facilitava a transição para esse método produtivo. Os rendimentos físicos que eles obtinham na agricultura convencional já eram inferiores à média estadual e não sofreram retração com a adoção das práticas orgânicas de cultivo.

O grupo de agricultores associados que possuem entre 20 e 50 hectares vive um cenário contraditório. Ele produz culturas anuais em uma região com terreno acidentado, onde, portanto, as áreas próprias para esse tipo de cultivo representam apenas uma pequena parcela das propriedades. Isso limita qualquer estratégia de expansão interna de uma mesma cultura até a escala necessária para uma adequação à infra-estrutura mínima de máquinas e equipamentos por ela exigida em uma produção convencional e especializada. Esse estrato de produtores acaba, no entanto, dirigindo boa parte das políticas da cooperativa para uma visão produtivista (lógica de escala na produção, especialização, utilização importante de insumos externos). E o faz apoiando-se em alguns poucos associados que são produtores especializados de soja e trigo e que têm áreas maiores, mais planas e com solos férteis e profundos.

A cooperativa realiza os serviços de recebimento, armazenagem, beneficiamento, industrialização e comercialização de produtos agropecuários, com total ênfase para os grãos. A soja é o principal deles, mas ela trabalha com outros 15, destacando-se a canola, o milho, o painço, o arroz, o feijão e o girassol. Nas propriedades, essas culturas geralmente apresentam uma complementaridade produtiva e econômica, sendo em geral manejadas em rotação de culturas ao redor da atividade principal. Para a armazenagem, a Cotrimaio

¹ Em estudo detalhado do processo produtivo daqueles agricultores, o autor citado identificou três sistemas de produção distintos: o sistema de produção diversificado que predomina nas unidades de produção com área inferior a 20 hectares; o sistema de produção especializado em grãos, característico das unidades com área superior a 20 hectares, e o sistema especializado na produção animal em que a atividade leiteira é mais intensiva ou existe a criação de suínos.

possui hoje uma capacidade estática de aproximadamente 3.200.000 sacas. Nos últimos anos, foi reservado um conjunto de silos para receber exclusivamente a produção orgânica.

A Cotrimaio articula a maior bacia leiteira do estado fornecendo o leite para a Elegê Alimentos Ltda. A cooperativa possui também supermercados, lojas de insumos agropecuários e uma empresa de comércio e transporte de combustíveis. Para se ter uma idéia da expressão econômica da cooperativa, no ano de 2001, o seu faturamento foi de R\$ 130 milhões.

Essa caracterização da região – um espaço em que predomina amplamente a agricultura familiar – e da própria Cotrimaio teve como finalidade mostrar o contexto em que nela vão ocorrer, primeiro, a introdução da produção não-transgênica e, logo depois, a implementação do projeto de produção orgânica.

Do "convencional" ao "convencional não-transgênico"

Na prática, é impossível abordar o projeto de produção orgânica da Cotrimaio sem discutir as etapas anteriormente experimentadas pela produção não-transgênica. Essa relação é, por princípio, necessária já que organismos geneticamente modificados estão proibidos pelas normas de produção orgânica. No caso em tela, mesmo que as discussões tenham começado estritamente sobre as possibilidades e a pertinência de se produzir soja “não-transgênica”, logo em seguida foram incorporadas reflexões e ações a respeito do manejo orgânico.

As poucas informações escritas disponíveis mostram que a história da cooperativa teve o seu início na região no ano de 1998. Ao fazer 30 anos, a Cotrimaio patrocinou o Fórum Regional de Desenvolvimento Integrado contando com a presença de técnicos brasileiros e franceses como palestrantes. Na oportunidade, convidado para falar sobre a cadeia produtiva de leite, um dos palestrantes do evento fez-se acompanhar de um dos diretores de uma cooperativa agrícola

francesa que interpelou a direção da Cotrimaio sobre a possibilidade de produzir e ser fornecedor da sua organização em soja "não-transgênica", oferecendo sobrepreço, aspecto que teria interessado muito a cooperativa. Assim, segundo o seu próprio presidente, a Cotrimaio "entrou na questão dos transgênicos por acaso" e não imaginava "que haveria toda essa confusão e toda essa polêmica em torno do assunto" (Wünc, 1999).

Mais para o final de 1998, ocorreram no Brasil as eleições estaduais e no Rio Grande do Sul elas foram vencidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), à época na oposição ao Governo Federal. Ainda antes da posse, lideranças importantes do PT gaúcho anunciavam a intenção do seu governo de tornar o Rio Grande do Sul um "território livre de transgênicos". Essa explicitação gerou imediatamente forte reação dos grandes proprietários de terra do estado representados pela Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul). Esses proprietários contaram com o apoio direto do Governo Federal por meio do então ministro da Agricultura Pratini de Moraes, oriundo do Rio Grande do Sul e pertencente a um partido de direita, o Partido Progressista Brasileiro (PPB) (Pelaez e Albergoni, 2003). Nessa circunstância, deve-se considerar a militância política do presidente da Cotrimaio² em grande sintonia com o novo governo estadual do PT.

No mês de janeiro de 1999, o presidente da Cotrimaio realizou uma viagem à França. Lá visitou três cooperativas ligadas ao agronegócio, todas importantes compradoras de farelo de soja. Houve, então, um acordo verbal para a venda de cinco mil toneladas ou "a carga de um navio", a Cotrimaio assumindo o compromisso de produzir o farelo de soja "não-transgênica". Nos meses de fevereiro e março – meses que antecedem a colheita da soja – a cooperativa passou a discutir com o seu quadro social a possibilidade de também produzir soja

² Eleito sempre pelo PT, Antônio Wünc foi vereador no município de Três de Maio entre 1989 e 1992 e candidato a prefeito em 1992. Já havia se candidatado, pelo mesmo partido, a deputado federal, em 1986, e a deputado estadual, em 1990.

orgânica, o que leva a crer que os dirigentes cooperativos franceses estimularam esse tipo de produção na Cotrimaio.

Naquela época, dirigentes, técnicos e agricultores ainda não haviam conseguido sequer se apropriar dos principais elementos do debate sobre a transgenia e já se viam impelidos a um novo questionamento do padrão técnico moderno a que estavam habituados.

Pouco depois, em maio daquele mesmo ano, o presidente da Cotrimaio retornou a França. Desta vez, ele integrava uma comitiva composta pelo secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul e mais três deputados estaduais. Segundo seu relato, a viagem surgiu em função de um recorte de jornal que ele havia mostrado, na visita anterior, aos dirigentes das cooperativas francesas, no qual, o governo do Rio Grande do Sul declarava sua vontade de ver o estado "livre de transgênicos". No primeiro dia daquela visita, a comitiva se reuniu com três cooperativas francesas e formalizou o primeiro contrato de venda de farelo de soja e a intenção de realizar outros negócios futuros entre a Cotrimaio e aquelas organizações. O ritmo com que ocorreram as transações explica-se pelo fato de os consumidores europeus estarem exigindo produtos livres de organismos geneticamente modificados nas prateleiras dos seus supermercados. Aliás, na oportunidade, a delegação visitou supermercados na França e na Inglaterra e pode constatar o potencial de venda dos produtos "não-transgênicos". De acordo com o primeiro contrato, a Cotrimaio receberia 10% de sobrepreço pelo farelo de soja "não-transgênico", oferta que contribuiu muito para que a cooperativa se decidisse a produzir soja "não-transgênica" para o mercado europeu (Wünch, 1999).

A experiência com um bom potencial de mercado para os produtos orgânicos – também chamados de "produtos limpos" – veio mostrar que já havia no Brasil uma idéia sobre a importância que esse tipo de produção ia tendo como consequência das crises alimentares nos países do Norte que passaram a exigir rastreabilidade e resistiam ao consumo de transgênicos, com uma parcela dos consumidores

demandando os produtos orgânicos (Byé e Schmidt, 2001). O presidente da Cotrimaio via nesse tipo de produto um "nicho de mercado vantajoso" que "se adapta a realidade dos pequenos agricultores", chegando a dizer que "é mais fácil produzir soja orgânica numa propriedade de dez hectares do que numa fazenda e (esta soja) ainda é muito mais lucrativa" (Wüncch, 1999).

No mês de julho de 1999, o vice-presidente da Cotrimaio participou de um curso específico sobre rastreabilidade de produtos agroalimentares na França. Isso permitiu a criação de um projeto de rastreabilidade na Cotrimaio segundo as normas européias. Com essa iniciativa, que contava com o apoio de uma certificadora externa,³ a Cotrimaio estava em condições de ser a primeira cooperativa brasileira a receber soja "não-transgênica" em larga escala.

Para a safra de 2000, 1.400 agricultores se inscreveram para produzir soja convencional ("não-transgênica"). A produção desses agricultores foi acompanhada e orientada por normas e procedimentos de inspeção e certificação para "não-transgênicos". No entanto, para a exportação de farelo não foram realizadas as adaptações indispensáveis nas estruturas de armazenagem da cooperativa, na unidade de processamento (que seria terceirizado) e no porto para embarque, adaptações dependentes do apoio governamental. Além disso, havia complicações para o cumprimento de formalidades necessárias à exportação, especialmente em relação à certificação. Por isso, a venda para as cooperativas francesas não ocorreu e, depois dos controles dos documentos das lavouras, a soja era levada diretamente para as estruturas de recebimento de duas empresas privadas nas quais o produto ainda passava por testes por amostragem. Tratava-

³ Nessa fase inicial, tratava-se da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável do Estado de Santa Catarina – Fundagro, uma entidade civil com personalidade jurídica de direito privado e sem fins lucrativos. Na região da Grande Florianópolis, a Fundagro tem atuado na certificação de produtos orgânicos. Na Cotrimaio, ela orientou a produção limpa e preparou a certificação da produção para o mercado externo, área em que não tinha maior experiência.

se da Bunge, que encomendou 70 mil toneladas,⁴ e da Olvebra⁵. Essas empresas se comprometeram a pagar 10% a mais por esse tipo de soja, permitindo uma remuneração adicional de 2 a 5% para o agricultor. Segundo Hoffmann (2001), a decisão dessas empresas em adquirir o grão "certificado" foi motivada por exigências dos seus próprios clientes.

A ocorrência de problemas de certificação fez com que, no final do ano de 2000, se firmasse o acordo entre a Cotrimaio e a Ecocert-Brasil, empresa que passou a atuar na cooperativa a partir da safra 2001. Essa certificadora está ligada à Ecocert-Internacional que atua em aproximadamente 70 países. O know-how de quem já vinha operando com as normas de certificação da Comunidade Européia e detinha uma importante participação no mercado europeu de certificação foi apontado como aspecto relevante para a contratação daquela nova certificadora. Acreditava-se que isso trouxesse um acesso a novos clientes e uma relação mais equilibrada com a clientela do mercado externo tanto em razão da maior eficiência operacional quanto do prestígio e confiança que a certificadora "internacional" possuía.

Nesse processo, a Cotrimaio estruturou um amplo programa de produção de soja "não-transgênica", que exigiu a adequação da sua estrutura de moegas e silos em seus 14 pontos de recebimento da região para que fosse capaz de separar os grãos comprovadamente orgânicos e convencionais ("não-transgênicos") dos "sem origem identificada". Em 2003, de toda a produção da cooperativa, 75% foram de soja convencional e orgânica. Os 25% restantes não

⁴ A Bunge Limited, importante no mercado mundial de óleos vegetais, está presente no Brasil desde 1995. Essa empresa adquiriu, em 1997, a Ceval Alimentos que era líder brasileira no processamento de soja e na produção de farelo. Em 2001, com a incorporação e reestruturação dos setores de alimentos e de fertilizantes, foi criada a Bunge Brasil S.A. (para mais informações, ver www.bunge.com e www.bunge.com.br).

⁵ A Olvebra é a empresa pioneira na industrialização da soja no Brasil e, segundo sua página na internet, utiliza somente soja não-transgênica (para outras informações, ver www.olvebra.com.br).

tinham condições de serem rastreados. Provavelmente, todo esse percentual era composto de soja transgênica. Os agricultores associados que produziram a soja convencional certificada obtiveram, nessa mesma safra, uma remuneração em média 4% superior aos que produziram soja sem origem definida. Os custos de segregação foram então – e continuam sendo – absorvidos pela cooperativa.

A trajetória da produção orgânica na Cotrimaio

Como foi visto, tanto os parceiros franceses no programa de não-transgênicos tinham notado o potencial do mercado orgânico quanto a direção da Cotrimaio – depois das viagens do seu presidente à Europa – havia percebido esse "nicho" como vantajoso e adequado ao perfil do seu quadro de associados.

O projeto de produção orgânica dentro da Cotrimaio começou na safra 1999/2000. Naquele momento, 106 associados aceitaram o desafio feito pela direção da cooperativa e começaram o processo de conversão de suas lavouras de soja. Inicialmente, as práticas orgânicas ficaram restritas a áreas dessa cultura em primeiro ano de conversão. Ou seja, tratava-se de uma conversão parcial, não envolvendo a propriedade como um todo no processo.⁶

Nesse período muitas das práticas orgânicas foram transferidas aos agricultores por meio de métodos semelhantes aos praticados na Revolução Verde ("de cima para baixo" e com pouca participação). Nem os técnicos da Cotrimaio, à época muito inseguros, nem os agricultores, então bastante passivos, compreenderam que era necessário promover o envolvimento dos associados, fortalecer a participação e gerar espaços para a valorização dos conhecimentos

⁶ Segundo a Instrução Normativa n. 6, um processo de conversão parcial é quando ocorrem na mesma unidade produção convencional e produção orgânica, ou produção convencional e produção em conversão (MAPA, 2002).

e das práticas tradicionais.

Nessa fase inicial, o trabalho de produção orgânica na região teve a colaboração da Fundagro que, mesmo sendo certificadora, contribuiu com informações e orientações. Isso porque vivia-se a primeira experiência de realizar a produção respeitando-se um "caderno de normas" e com controle externo exercido por meio de inspeções e vistorias das lavouras e de auditoria nos registros.

O quadro evolutivo da produção orgânica de soja na área de ação da Cotrimaio indica que houve um ingresso importante de agricultores já no primeiro ano de plantio. Dos 106 agricultores que realizaram a conversão no primeiro ano, 72 (68%) a mantiveram no segundo e 64 (60%), no terceiro (Quadro 2). Daqueles que começaram a conversão do plantio no final de 1999, 60% colheram a primeira safra segundo as normas orgânicas durante a safra de 2001/2002, o que ocorreu nesse último ano. Esse percentual é muito expressivo em um contexto em que prevalece o imediatismo, já que apenas no terceiro ano é que se vai obter o reconhecimento do produto como orgânico.

Quadro 2 – Número de agricultores e área destinada à produção orgânica

Período	1º ano de conversão		2º ano de conversão		Produção Orgânica		Totais envolvidos/ano	
	Nº agric.	Área (ha)	Nº agric.	Área (ha)	Nº agric.	Área (ha)	Nº agric.	Área (ha)
1999/00	106	-					106	-
2000/01	59	325	72	367			131	692
2001/02	37	223	34	144,7	64	332,5	135	700,2
2002/03	54	230	26	195,2	68	432	148	857,2

Fonte: Cotrimaio.

Os dados demonstram que a produção orgânica conquistou um

espaço significativo e sólido nos últimos anos na área da cooperativa. Eles também indicam que o número de agricultores envolvidos com esse tipo de produção tem aumentado, em média, aproximadamente 10%. Já a sua área cresceu em 8%.

Durante o período houve também desistências. Elas não representam, no entanto, o abandono total dos princípios de uma produção limpa e, sim, ajustes no processo produtivo. Nos contatos que tivemos com os profissionais e dirigentes envolvidos com a produção orgânica, percebemos uma certa unanimidade em apontar os seguintes aspectos como motivadores da desistência da produção orgânica por parte de algumas famílias de agricultores:

a) *Falta de mão-de-obra* – muitas famílias perderam a mão-de-obra dos jovens que migraram para a cidade e outras regiões. Verificou-se, assim, o impacto da diminuição da população agrícola que não se restringe simplesmente à diminuição de seu número, mas representa a saída de pessoas com grande potencial produtivo. Em muitas famílias, permaneceu na propriedade somente o casal idoso disposto a produzir produtos limpos, embora sua condição física já não suportasse serviços penosos e muito menos o incremento das atividades.

b) *Adesão movida por uma expectativa de curto prazo* – alguns sócios aderiram ao programa esperando um retorno econômico melhor e mais rápido, sem levar em conta todas as implicações que esse novo processo requeria. Em alguns casos, a conversão chegou a ser vista como "tábua de salvação". À medida que o programa passou a mostrar que a produção orgânica era desafiante e exigia a participação ativa dos agricultores envolvidos na superação das dificuldades de aprendizagem técnica, uma parcela preferiu desistir do projeto.

c) *Comodidade* – a grande dificuldade para vencer a simplificação que se tornou hegemônica. Desde o plantar, passando pelos tratamentos culturais até a colheita, predomina a idéia da intervenção químico-mecânica. Especialmente na "limpeza" das lavouras, parece se descartar qualquer ação que não esteja associada ao uso de herbicidas, mesmo que os tratamentos culturais aconteçam de forma

mecanizada e tenham como objetivo estabelecer condições a uma convivência entre a cultura comercial e as plantas não-desejáveis. Aparece como inadmissível o fato de que os agricultores voltem a "entrar nas lavouras para tirar algum inço".

Deve-se levar em conta que, desde o primeiro momento, a direção da Cotrimaio considerava o mercado externo como o principal destino da soja orgânica. Ela procurava, portanto, produzir em escala tal que viabilizasse a exportação. No ano de 2001, foram produzidas pelos associados 500 toneladas de soja de segundo ano de conversão, o que representava aproximadamente 0,4% da produção total de soja da cooperativa. Mesmo assim, já a partir daquele mesmo ano, a cooperativa começou a desenvolver ações visando também o mercado interno. Para isso, beneficiou e embalou soja orgânica em pacotes de 500 gramas conforme a legislação brasileira, colocando-a no mercado nacional com a marca Cotrimaio.)

Organização de um programa

Ainda em 2001, a cooperativa definiu um programa de produção orgânica levando em consideração o potencial do seu quadro social (Cotrimaio, 2001). Envolveu, igualmente, nas metas e programação de produção, parcerias com associações de agricultores familiares do norte do Rio Grande do Sul e do sudoeste do Paraná e com produtores locais não-sócios denominados de "terceiros". Essa parcela de terceiros era formada por alguns poucos (e dispersos) agricultores médios e grandes, principalmente por pequenos grupos de agricultores familiares – todos de fora da área de ação da Cotrimaio – que vinham sendo acompanhados pela extensão rural oficial (Emater/RS)⁷ ou por ONGs e que não tinham encontrado canais para comercializar a sua produção orgânica de soja. Dessa forma, a Cotrimaio passou a contribuir com a produção orgânica

⁷ Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural, instituição oficial de extensão rural que existe praticamente há meio século no Rio Grande do Sul.

para além da sua área de atuação, ao mesmo tempo em que sinalizava com a implantação de uma unidade industrial de beneficiamento e industrialização de orgânicos e também procurava formas inovadoras de comercialização.

Nesse processo se estabeleceu uma maior aproximação entre a Cotrimaio e a Emater/RS com a finalidade de homogeneizar as compreensões e os procedimentos relacionados com a produção orgânica e estabelecer as recomendações básicas em conjunto (Cotrimaio, Emater/RS, Unitec, 2001). Assim, as orientações técnicas aos agricultores envolvidos no programa passaram a ser prestadas pela Emater/RS de comum acordo com a Unitec.⁸ O principal método usado era o de reuniões com grupos de agricultores orgânicos mobilizados por filial da Cotrimaio com uma frequência mínima de três vezes ao ano. As técnicas de manejo da produção orgânica passaram a ser realizadas e compartilhadas por meio de áreas demonstrativas organizadas nas filiais da cooperativa com agricultores inscritos no programa. O desafio dos profissionais dessas entidades era passar da esfera da produção para as questões da preservação ambiental e de saúde. Segundo dados que nos foram fornecidos pelos coordenadores do programa, a participação desses serviços de extensão rural na produção orgânica agilizou em muito as diretrizes técnicas e permitiu uma maior uniformização das informações sobre o assunto. A integração das duas instituições também permitiu que se ampliasse o número de agricultores familiares acompanhados em seu processo de conversão ou de produção orgânica, inclusive daqueles que somente queriam produzir produtos limpos para a sua própria subsistência.

Foi importante a iniciativa da Cotrimaio, da Emater e da Unitec em reunir seus profissionais visando sistematizar e registrar as técnicas e procedimentos acumulados no trabalho de produção orgânica

⁸ Cooperativa de Técnicos do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, fundada no ano de 1996 e que presta assistência técnica a produtores rurais, cooperativas agropecuárias, inclusive à Cotrimaio, prefeituras municipais, Senar, Sebrae, Elegê, SESCOOP etc.

e assim produzir um documento de "referências básicas". Essa iniciativa permitiu uma primeira aproximação entre os técnicos neste tipo de manejo, mesmo que as ações nem sempre tenham acontecido em conjunto. Ela também suscitou um debate extremamente rico a respeito do modelo tecnológico convencional e permitiu que inclusive fosse superada a visão apenas produtiva, ensejando um questionamento mais amplo do modelo de desenvolvimento.

É preciso considerar que o componente produção do programa enfrentou muitas dificuldades, havendo um grande descompasso entre a quantidade de soja orgânica que os importadores demandavam e aquela que de fato se conseguia produzir. A diferença de ritmos também pode ser resultado da insegurança dos atores locais diante do novo e do desconhecido. A produção orgânica, como destaca Ormond (2002), exige, sim, pesquisa. Não se chega, como ocorre na agricultura convencional, a pacotes tecnológicos tão rigorosos, mas a blocos de tecnologias a serem adaptados às condições locais. Deve-se levar em conta que a agricultura orgânica é muito recente na região de Três de Maio e que ela utiliza menos insumos materiais que a agroquímica, sendo muito mais resultado de um produto intangível: o conhecimento (Kathounian, 2001).

A consolidação do programa

Em sua programação da produção, a Cotrimaio estabeleceu como meta para 2003 a colheita de 20 mil sacas de soja orgânica entre seus associados. Esse objetivo foi praticamente alcançado, representando tal volume aproximadamente 1% de toda a soja recebida pela cooperativa. Com a venda do produto orgânico para o mercado europeu, esperava-se uma remuneração em torno de 35% superior ao grão "sem origem comprovada". A Cotrimaio trabalha (e divulga em sua página na internet) as cotações para três tipos de soja, o que revela uma efetiva segmentação do mercado: a "soja" (que representa a soja sem definição de procedência, provavelmente transgênica ou contaminada), a "soja não-transgênica" e a "soja orgânica". Os valores

pagos ao sócio no dia 4 de junho de 2003 eram, respectivamente, de R\$ 32,00, R\$ 33,28 e R\$ 38,00 por saca de 60 kg. Isto representa 4% a mais para a soja não-transgênica e praticamente 20% a mais para a soja orgânica, o que em parte cumpre as expectativas geradas em termos de diferencial de preços. Evidentemente seria necessário comparar também os custos de produção e os rendimentos físicos dos três diferentes sistemas de produção, o que extrapola os objetivos deste artigo.

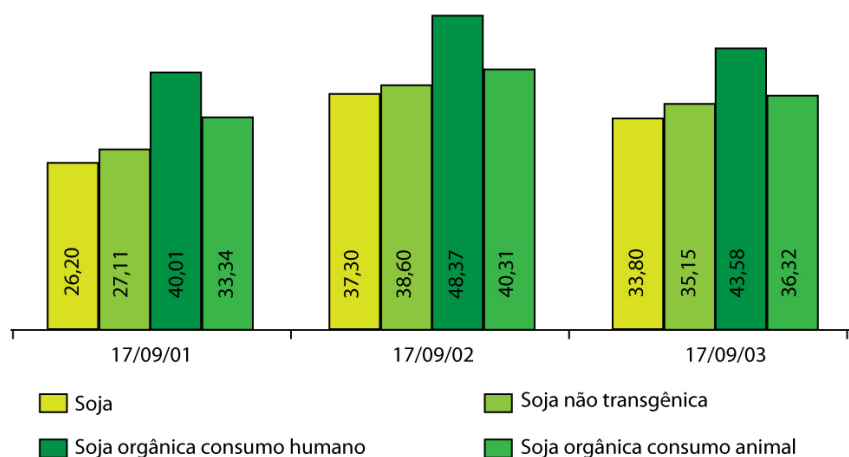
Buscou-se ainda obter mais dados sobre o comportamento dos preços dos últimos anos, dados que incorporam a divisão da produção orgânica conforme sua finalidade. Escolheu-se, para tanto, de forma aleatória, um dia de novembro, mês em que se iniciam os plantios na região (ver Quadro 3).

Quadro 3 - Evolução dos preços da soja, em R\$ por saca de 60 kg

Produto	Preço em R\$/sc		
	17/09/2001	17/09/2002	17/09/2003
Soja	26,20	37,30	33,80
Soja não-transgênica	27,11	38,60	35,15
Soja orgânica consumo humano	40,01	48,37	43,58
Soja orgânica consumo animal	33,34	40,31	36,32

Fonte: Cotrimaio (2003).

Preços da soja - R\$



A segmentação do mercado da soja, expressa no Quadro 3 e ilustrada no Gráfico 1, permite perceber que a soja orgânica recebe, no ato de sua comercialização, uma nova classificação conforme suas condições para ser destinada ao consumo humano ou apenas para o consumo animal (a padronização e a classificação da primeira, evidentemente, sendo muito mais rigorosas). Os preços da soja orgânica são fixos independentemente da bolsa de valores, não experimentando, portanto, as variações dos outros produtos. A soja orgânica possui os seguintes valores prévios: soja para consumo humano, US\$ 15,00 por saca, e soja para consumo animal, US\$ 12,50 por saca. A valorização da soja nos últimos anos, sobretudo na entressafra, tem levado à diminuição da disparidade apregoada no princípio, quando se estimava uma diferença em torno de 35%. Isto não significa que não se tenha chegado a tais patamares em algumas épocas do ano. No entanto, no presente exemplo, que se utiliza números de um dia de novembro (em três anos seguidos), como já foi mencionado, o mês de plantio no Rio Grande do Sul, a diferença

tem diminuído significativamente.

Quanto à planificação e ao ritmo do programa, se, dentro da Cotrimaio, a evolução da produção de soja orgânica se aproxima daquilo que havia sido anteriormente estimado, e se fora da cooperativa, as quantidades obtidas ficaram muito aquém das metas estabelecidas, isso resultou d. e dificuldades na própria produção e também da falta de logística das organizações parceiras. Neste último caso, como essa deficiência importava em altos custos, principalmente de transporte nos percursos de longa distância, a soja orgânica era produzida mas não chegava à Cotrimaio, sendo destinada a outros circuitos de comercialização.

Outra resultante da elaboração do programa foi a busca do aproveitamento da área de soja de segundo ano de conversão com cultivos de inverno. Essa área, nesse processo, já tinha passado pelo período dos dois anos de conversão. Assim, ainda no mesmo ano de 2001, foram plantados 20 hectares de trigo, 10 hectares de aveia e 10 hectares de centeio e o próprio milho, todos respeitando as normas orgânicas. Essa produção, após sofrer beneficiamento, foi destinada ao mercado interno. Dessa forma, a lógica inicial centrada em um produto – a soja – e em um mercado – o externo – passou a ser substituída por uma outra mais ampla de manejo da produção e da propriedade, e de ocupação de um segmento de mercado: o de orgânicos.

As oportunidades e as experiências não se esgotam na produção agrícola. No final do ano de 2001, o produto obtido dessa atividade serviu para testar as dificuldades encontradas no beneficiamento e/ou industrialização de farinhas, fibras, farelos, flocos e outros derivados, em razão do desconhecimento das técnicas adequadas às normas orgânicas e, em alguns casos, das próprias normas. Verificou-se que as máquinas e os equipamentos eram utilizados inadequadamente, assim como usados rotineiramente no processamento de produtos químicos não-aceitos que precisaram ser substituídos por outros tipos autorizados de intervenção.

Na comercialização, os limites do grande circuito também estavam presentes. Por isso, em um segundo momento, pensou-se em comercializar produtos com valor agregado, com a marca Cotrimaio, em redes de supermercados e lojas franqueadas. Nesse sentido, foi embalada uma pequena parcela da soja orgânica em pacotes de meio quilo para consumo humano, desenvolveu-se uma linha de derivados dos outros grãos (especialmente farinhas) e inaugurou-se na loja de Três de Maio dos supermercados da Cotrimaio um espaço específico para os produtos orgânicos. Ocorreu, assim, uma maior articulação com a base econômica regional, complementando – ou apontando uma alternativa para – os mercados distantes vistos como inatingíveis por qualquer controle por parte dos agricultores.

A cooperativa também vem comprando outros produtos na região, mesmo que ainda em pequena quantidade, como suco de uva, vinho, erva-mate, arroz, todos com certificação orgânica. Concomitantemente, ela promove está buscando a produção orgânica de culturas que se adaptam bem às condições de clima e solo. Também já está operando uma agroindústria de derivados de cana-de-açúcar orgânica formada por um grupo de seus associados. Nesse empreendimento ficam preservados o controle e a gestão exercidos pelos próprios sócios.

Tem-se acumulado uma boa experiência em outras atividades além das culturas tradicionais já citadas neste trabalho. A produção à base de pasto e a produção orgânica de leite merecem destaque uma vez que estimularam interessantes debates entre técnicos e associados. São exemplos a fitoterapia e a homeopatia animais (que se conectam com o tema das plantas medicinais e, conseqüentemente, com o tema da saúde humana), assim como aspectos relacionados ao bem-estar animal (que desperta a discussão sobre a qualidade de vida dos agricultores).

Essas experiências, somadas a muitas outras em andamento mas ainda de pequena expressão, indicam a importância de se haver iniciado o processo da produção orgânica no interior da Cotrimaio. Além dos resultados e dos avanços *per se*, a proposta representou, nos termos de Kathounian (2001), um esforço de reconstrução da

produção em outras bases e na preservação dos recursos naturais. A produção orgânica da Cotrimaio nos mostra que é necessário reconstruir toda a cadeia produtiva. Mais do que isso, ela indica que uma cadeia produtiva não está isolada, sendo fundamental dar atenção a suas articulações com as demais e, por extensão, associá-la ao conjunto da sociedade. Gradativamente isso levou a uma maior abertura, nessa região agrícola, para ações em defesa do meio ambiente e à promoção da saúde e da qualidade de vida não só dos agricultores como também dos consumidores urbanos.

A delimitação de um campo de disputas

A produção orgânica da Cotrimaio teve um começo relativamente difícil. Além de ser vista de maneira negativa pelos setores ligados à Farsul, o trabalho da cooperativa também era acompanhado com reservas por diversos movimentos ligados aos agricultores familiares, dos quais muitos se diziam adeptos da agroecologia. Isto porque o programa, segundo eles, foi montado sobretudo em torno da cultura da soja, com fins de exportação, sem se trabalhar questões fundamentais como a organização política dos agricultores, a distribuição de terras ou de renda ou as dificuldades de acesso ao crédito. A Cotrimaio soube, porém, inserir-se em todos esses debates ao mesmo tempo em que realizava ações práticas.

Outra característica singular da experiência reside no fato de que a discussão sobre a conversão não estava sendo movida por um movimento social, nem por uma instituição governamental, como uma universidade ou um órgão de pesquisa ou extensão, mas, sim, por uma cooperativa de produção que tem muito presente a dimensão econômica. As políticas públicas voltadas para esse fim – nas esferas municipal, estadual e federal – foram tímidas e sem muito impacto, o que tornava o desenvolvimento mais lento e tecnicamente menos sólido. O que se verificou, na verdade, foi que a maioria das instituições públicas manteve uma certa distância do debate, quer por desconhecimento do assunto, quer por divergências

quanto ao conteúdo da proposta ou mesmo por compromisso com outros interesses.

Ao mesmo tempo, existia um grupo de sindicalistas, muitos deles vinculados à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag), que dizia que a discussão sobre o modelo de produção tiraria da ordem-do-dia a questão que eles julgam central: a questão política (o Estado como principal protagonista). Para esses sindicalistas, a "luta" precisava concentrar-se no acesso dos agricultores familiares a políticas públicas que lhes permitissem se estruturar e se consolidar no atual mercado.

A trajetória da cooperativa foi marcada por uma polarização que de forma geral atinge os partidários da agricultura orgânica (Fonseca e Feliconio, 2000). De um lado, estavam os que queriam desenvolver a agricultura orgânica ligada aos organismos de desenvolvimento e às empresas, opção à qual a Cotrimaio a princípio se vinculou. De outro, os que afirmavam sua independência em relação a esses atores, recusando toda atividade que comportasse características do sistema capitalista. Essa polarização marca as relações externas da cooperativa com algumas instituições e movimentos sociais. Dentre outros aspectos, a Cotrimaio é criticada por priorizar o circuito longo de comercialização e desprezar o circuito curto, que poderia, na opinião dos movimentos sociais e ONGs, ser potencializado por meio dos supermercados da própria cooperativa.

Para Jesus (2002), a discussão sobre o mercado de produtos orgânicos encerra uma velha fratura ao interior dos movimentos de agricultura não-convencional. Isso levou o autor a identificar três correntes no modo de perceber a função do mercado de produtos orgânicos, as quais podem ser aplicadas ao caso da Cotrimaio:

"De um lado, estão os que defendem uma relação mais pessoal entre consumidores e produtores, que podem ser chamados de "ambientalistas puristas"; de outro, há aqueles que têm uma visão de expansão do mercado ou do "negócio orgânico", apregoando a certificação dos produtores e o credenciamento de

instituições certificadoras. Para estes o mercado é o propulsor do movimento orgânico, de forma que somente com a certificação/credenciamento e ampliação deste mercado será possível uma diminuição dos preços e uma massificação deste tipo de agricultura, com conseqüências positivas locais, regionais e globais. Há ainda aqueles oriundos dos movimentos políticos de base, que apregoam a revolução social e sentem-se incomodados com as ações de comércio e mercado de produtos orgânicos. Estes últimos constituem os chamados “ecossocialistas” (Jesus, 2002).

No período inicial do programa da cooperativa, vários setores ligados aos movimentos sociais e a organizações de assessoria e apoio a agricultores familiares não conseguiam ou não queriam – pelas suas convicções (ecossocialistas) – visualizar a complexidade das questões relativas à possibilidade de a agricultura orgânica vir a ser instrumento viabilizador da agricultura familiar. Outros defendiam uma aproximação do produtor familiar ao consumidor final (ambientalistas puristas) e entendiam que, com a soja, por ela ser pouco consumida in natura no Brasil, essa relação nunca se estabeleceria. Por isso condenavam o programa numa postura que acabava fortalecendo os críticos da produção orgânica. Desconsideravam que, além de os agricultores familiares poderem criar efetivamente, no início da cadeia, um poder de negociação que lhes permitia apropriarem-se dos resultados da qualidade por eles produzida, a incorporação de uma dimensão ética ao mercado permitia construir instrumentos que fazem saber ao consumidor que é o agricultor familiar aquele que produz tal qualidade graças aos seus conhecimentos, ao seu trabalho e ao seu talento (Schmidt, 2001).

Isto posto, é preciso reconhecer os limites do programa orgânico de uma instituição cooperativa que não se confunde com nenhum movimento social ou organização filantrópica. Pode-se, assim, considerar uma série de limitações frente a problemas sociais e políticos mais amplos e complexos. A introdução na Cotrimaio do debate aberto acerca do comércio justo e ético poderia ajudar a

compreender melhor as novas dimensões que envolvem a experiência. Afinal, a associação entre agricultura orgânica e agricultura familiar é a melhor forma de se fazer prevalecer no mercado e entre os atores da cadeia produtiva as dimensões éticas da agricultura orgânica (Schmidt, 2001).

Boa parte das análises a respeito da agricultura orgânica procura demonstrar sua institucionalização e o suposto distanciamento das suas aspirações de se contrapor à agricultura convencional. O resultado seria sua incorporação ao sistema agroalimentar dominante ou a formação de um *agri-organic-business*. Normalmente se pensa em um caminho que começa com "alternativas radicais" – com experiências locais que envolvem poucos agricultores em circuitos curtos e mercados locais – e que gradativamente vão se ampliando em número e abrangência ao mesmo tempo que perdem a capacidade de gerar impacto nos debates sobre a agricultura e o desenvolvimento rural. O caso da Cotrimaio contribui para nuançar essa visão um tanto determinista.

São claros os méritos da Cotrimaio ao ter na prática consolidado na região um novo processo de produção e comercialização de produtos agrícolas. De participantes em uma proposta originalmente centrada na exportação e em uma cultura e técnicas convencionais mas sem o uso de transgênicos, os associados da cooperativa passaram rapidamente à produção orgânica diversificada. Como foi visto, essa experiência tem revelado bons exemplos de agricultores familiares que começaram com a produção orgânica de soja, às vezes trabalhando apenas em uma pequena área dentro da propriedade, e que hoje manejam organicamente todas as atividades da propriedade. Tão importante quanto isso é o fato de que esses produtores mudaram seu comportamento frente ao sistema agroalimentar. Assim, a experiência tem pelo menos representado uma boa oportunidade para a construção de um meio rural vivo e mais equilibrado em termos sociais e ambientais.

Conclusões

Pode-se inferir que, ao debater o modelo tecnológico da produção agropecuária para a região do Alto Uruguai, o Fórum Regional de Desenvolvimento Integrado de 1998 representou um verdadeiro divisor de águas. Depois dele, a discussão rapidamente fugiu dos eventos exclusivos da cooperativa e alcançou as diversas instâncias do poder regional e estadual. Seguramente, houve desacertos, mas quase todos eles resultantes de um desconhecimento do processo então em curso, o qual não tira o mérito da iniciativa do Fórum.

A experiência também indica a importância de as instituições cooperativas regionais e agrícolas estabelecerem redes de conexão mais amplas. São inegáveis as influências que tiveram as cooperativas francesas sobre a Cotrimaio para que esta produzisse e exportasse produtos "não-transgênicos" e orgânicos. Esse tipo de contato representou oportunidades, mesmo que de caráter distinto, que eram importantes para ambas as partes.

A proposta também ilustra o quanto é difícil contrapor os interesses hegemônicos – e as inércias – por eles gerados numa entidade como uma cooperativa que, apesar de possuir um quadro social predominantemente composto de minifundiários, não consegue trabalhar com eles – e neles se apoiando – novas proposições que lhes são favoráveis. Ao mesmo tempo, a experiência da Cotrimaio revela que as direções das cooperativas representam um espaço de poder interessante para impulsionar alternativas ao processo produtivo dominante e principalmente para executar políticas que possam trazer mais perspectivas para os agricultores familiares. Assim, o cooperativismo não pode ser desconsiderado ou entendido como ultrapassado, pelo contrário, o que parece ser urgente é que o seu enfoque seja revisto.

A inserção do projeto em um processo mais amplo de debate – bastante polarizado e politizado – em torno da liberação ou não do plantio comercial de transgênicos também teve influência sobre os seus rumos. A falta de conhecimento, por parte de algumas organizações da região, sobre o que estava ocorrendo no Rio Grande

do Sul e, mais ainda, a falta de clareza sobre os principais elementos em jogo na disputa acabaram dificultando a realização de parcerias que ostentavam alto potencial. Como resultado, a contestação ao programa da Cotrimaio teve três vertentes: a dos representantes dos grandes produtores ligados à Farsul que liderava os interesses do Governo Federal e da empresa Monsanto; a dos agroecologistas vinculados a alguns movimentos sociais que diziam ser a experiência insuficiente e que ela viria beneficiar apenas os plantadores de soja; e, finalmente, a de alguns sindicalistas preocupados tão só com políticas públicas para a agricultura, desprezando iniciativas que apareciam para eles como simples mudança de tecnologia.

O pioneirismo e o voluntarismo que a proposta representa podem ser considerados como outra grande lição. Se a cooperativa tivesse buscado um projeto ideal, certamente não teria começado. Assim, a experiência da produção orgânica de soja foi capaz de impulsionar a produção "limpa" – além da soja – de diversas outras culturas, inclusive de algumas atividades relativas a criações. E, fundamentalmente, acabou havendo um forte estímulo à conversão de propriedades convencionais em orgânicas.

O que, em geral, tem-se dito é que a tentativa de estabelecer a agricultura orgânica como parte da agricultura leva a uma completa perda dos princípios do movimento orgânico. Mas, ao não fazer esta tentativa, não se estaria apenas gerando paralisia e impedindo iniciativas que acabariam por fortalecê-lo?

Referências bibliográficas

Brasil, MAPA - SDA. Instrução Normativa n. 6, de 10 de janeiro de 2002. In: DOU n.11, seção 1, 16 de janeiro de 2002.

Byé, P. e Schmidt, W. Agricultura familiar no Sul do Brasil – de uma exclusão produtivista a uma exclusão certificada? In: Estudos Sociedade e Agricultura, n. 17, outubro 2001.

Cotrimaio, Emater/RS, Unitec. Produção Orgânica: recomendações

- básicas – 2001. Três de Maio, 2001.
- Cotrimaio. Disponível em: <http://www.cotri.com.br/top.htm>. Acesso em 3 de junho de 2003.
- Cotrimaio. Programa de produção orgânica. Três de Maio, mimeo, 2001.
- Fonseca, M. F. A. C.; Feliconio, A. E. G. A produção e comercialização de alimentos orgânicos in natura no Brasil: avanços e retrocessos. In: X Congresso Mundial de Sociologia Rural, Anais. Rio de Janeiro, 2000.
- Gazeta Mercantil. “Cotrimaio consegue separar soja transgênica”. São Paulo. 31 de março de 2003. Disponível em: <http://www.cotri.com.br?lernews.php?id=80>. Acesso em 4 de junho de 2003.
- Hoffmann, Assis. Grão certificado ganha espaço. Globo Rural, Rio de Janeiro, edição nº 185, março de 2001.
- IBGE. Censo Agropecuário 1995-96. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 de maio de 2003.
- Jesus, E. L.; Assis, R. L. Agricultura orgânica: economicidade, ideologias e a realidade. In: XL Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Anais... Passo Fundo, 28-31 de julho de 2002. Disponível em CD-Rom.
- Kathounian, C. A. A reconstrução ecológica da agricultura. Botucatu, Agroecológica, 2001.
- Ormond, J. G. P. Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. Rio de Janeiro, BNDES, março de 2002. (Série BNDES Setorial, n. 15).
- Pelaez, V.; Albergoni, L. Barreiras técnicas comerciais aos transgênicos no Brasil: a regulamentação nos Estados do Sul. In: Congresso Brasi-leiro de Economia e Sociologia Rural, n. 41, Anais. Juiz de Fora, 2003 (Disponível em CD).
- Schmidt, W. Agricultura orgânica: entre a ética e o mercado? In: Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v. 1, n. 5, jan/mar de 2001.

Soja orgânica conquista a Europa. Rede de Colaboração Solidária. 26 de novembro de 2001. Disponível em <http://br.grupos.yahoo.com?group/redesolidaria/message/1606>. Acesso em: 3 de junho de 2003.

Wünc, A. Transgênicos: desafio global, 1999. Disponível em <http://free.freespeech.org/transgenicos/transgenicos/txts/cidadaos/antonio.hm>. Acesso em 3 de junho de 2003.

Wünsch, Jaime A. (coord.). Diagnóstico dos sistemas de cultivo de soja e propostas para a transição agroecológica na região de Três de Maio. Ijuí: Unijuí, mimeo., 2002.

Resumo (*A trajetória do programa de produção orgânica da Cotrimaio*): Este trabalho procura indicar a necessidade de superar interpretações lineares e visões deterministas predominantes na análise de programas de conversão à agricultura orgânica. A partir do programa da Cotrimaio, a soja não-transgênica voltada para um nicho de mercado externo evolui para uma produção orgânica diversificada para mercados regionais, apontando a complexidade desses processos. Trabalhando o contexto e recuperando-se a gênese e a evolução do referido programa, o presente texto mostra a importância da percepção do processo de conversão à agricultura orgânica como uma construção social. A análise da experiência indica que a tentativa de estabelecer a agricultura orgânica como parte da agricultura pode não ter como resultado único a perda dos seus princípios, mas redundar em importantes mudanças na própria agricultura.

Palavras-chave: agricultura familiar, agricultura orgânica, soja, programas de conversão, cooperativas.

Abstract: (*Analysing the Dynamic of Cotrimaio's Organic production Programme*). The aim of this article is to show the need to go beyond the linear interpretations and determinist visions which

are predominant in analyses of organic agriculture's conversion programs. The complexity of these processes is shown through Cotrimaio's program, which started with non-GMO soybean monoproduction to supply a international market niche and has turned into a diversified production of organic products which supplies nearby markets. By contextualising Cotrimaio's program and reflecting on its evolution from the beginning, the importance of understanding the transition to organic agriculture as a social construction can be better appreciated. Analyzing this case, the authors shows that, rather than leading to a loss of its original principles, organic agriculture can introduce some important changes in the dynamic of conventional agriculture.

Key words: familiar agriculture, organic agriculture, soybeans, conversion programs, cooperatives.